



Quebradeiras de Coco Babaçu de Codó-MA: Gênero, Memória e Ensino de Matemática

Codó (MA) Babaçu Coconut Breakers:
Gender, Memory, and Mathematics Teaching

Quebradores de Coco Codó-MA Babaçu:
Género, Memoria e Enseñanza de las Matemáticas

Valéria da Silva Santos¹
Kelly Almeida de Oliveira²

Resumo

Nosso objetivo é compreender as percepções das Quebradeiras de coco sobre o ensino de matemática, considerando suas experiências e práticas socioculturais. Sobre o percurso metodológico, caracterizamos nosso estudo como qualitativo, descritivo e interpretativo, organizado em duas etapas: bibliográfica e de campo. As técnicas utilizadas para coleta de dados incluíram: observação e entrevistas com roteiros semiestruturados com três Quebradeiras de coco. Os principais autores utilizados para tal pesquisa foram Merleau-Ponty, Bergson e D'Ambrosio. O que percebemos durante esse trajeto, foi que cada uma dessas mulheres tem muito a nos ensinar, e que os seus saberes perpassam os muros da escola. Portanto, concluímos que ainda há muitos desafios enfrentados diariamente pelas Quebradeiras de coco babaçu em Codó/MA que envolvem gênero, memória e ensino de matemática.

Palavras-chave: Quebradeiras de coco. Gênero. Memória. Ensino de matemática. Etnomatemática.

Abstract

Our objective is to understand the perceptions of the babassu coconut breakers about mathematics teaching, considering their experiences and sociocultural practices. Regarding the methodological path, we characterize our study as qualitative, descriptive, and interpretative, organized in two stages: bibliographic and field. The techniques used for data collection included: observation and interviews with semi-structured scripts with three babassu coconut breakers. The main authors used for this research were Merleau-Ponty, Bergson, and D'Ambrosio. During this journey, we realized that each of these women has much to teach us, and that their knowledge permeates the school walls. Therefore, we conclude that there are still many challenges faced daily by babassu coconut breakers in Codó (MA) that involve gender, memory, and mathematics teaching.

Keywords: Coconut breakers. Gender. Memory. Teaching of mathematics. Ethnomathematics.

Resumen

Nuestro objetivo es comprender las percepciones de Quebradeiras de coco sobre la enseñanza de las matemáticas, considerando sus experiencias y prácticas socioculturales. En cuanto al recorrido metodológico, caracterizamos nuestro estudio como cualitativo, descriptivo e interpretativo, organizado en dos etapas: bibliográfica y de campo. Las técnicas utilizadas para la recolección de datos incluyeron: observación y entrevistas con guiones semiestructurados con tres Quebradeiras de coco. Los principales autores utilizados para esta investigación fueron Merleau-Ponty, Bergson y D'Ambrosio. Lo que nos dimos cuenta durante este viaje fue que cada una de estas mujeres tiene mucho que enseñarnos y que su conocimiento permea las paredes de la escuela. Por lo tanto, concluimos que todavía hay muchos desafíos que enfrentan diariamente los Babaçu Coconut Breakers en Codó/MA que involucran la enseñanza de género, memoria y matemáticas.

Palabras clave: Rompedores de coco. Género. Memoria. Enseñar matemáticas. Etnomatemática.

1 E-mail: vcruz4214@gmail.com

2 E-mail: ka.oliveira@ufma.br.

1. O GÊNERO, A LUTA, A CAMINHADA E OS OLHARES

MARIAS DO BABAÇU³

*Empondera-te da tua luta
Tenha orgulho do teu saber
Você é cheia de brilho
De luz, de sonhos, você é você.
Eu me vejo nos seus olhos
E sinto seu perceber.*

*Minhas Marias queridas
Que lindo lhes ver falar
De todas suas conquistas
E tudo que ainda vão conquistar
Vocês merecem o mundo
E estão indo atrás pra buscar.*

*Quero narrar suas histórias
E tirar elas do papel
É cada luta e vitória
Que mereciam troféu
Mas prêmio maior é lembrar
Que o limite pra gente é o céu.*

*Vocês são inteligentes
Tem tanto amor e saber
Coisas que aprenderam com a vida
Não só de ouvir, mas fazer
Que inspirarão novas histórias
Pessoas que vão aprender.*

*Sou filha e neta de Marias
Que me criaram com muito amor
Me deram carinho e educação
Respeito, afeto e calor
E me ensinaram desde muito cedo
Que cada luta tem seu valor.*

(Valéria Silva)

³ Poema dedicado às três Marias dessa pesquisa, e para todas as Quebradeiras de coco do mundo.

Durante muito tempo, a matemática foi determinada a partir do ponto de vista masculino etnocêntrico. Segundo Menezes (2005, p.24) a matemática era vista como um campo de predominância masculina por ser considerado, dentre outras coisas, abstrato, objetivo, na qual a razão predomina. Tradicionalmente, a escrita e a matemática foram constituídas sob parâmetros que evidenciam o protagonismo dos homens, tanto na perspectiva política quanto na social, cultural e econômica. A partir da categoria gênero e suas possibilidades dentro da historiografia, muitos trabalhos que envolvem essas questões vêm ganhando cada vez mais espaço, tirando a mulher do seu papel secundário da história e dando a ela o lugar que sempre deveria ter ocupado.

Apesar de sua contribuição para a formação sociocultural da região onde se encontram, a prática da quebra do coco babaçu realizada pelas mulheres no interior do estado do Maranhão ainda é pouco reconhecida, tanto pelo estado, enquanto atuação profissional, quanto por boa parte da população que desconhece seu valor cultural, sendo sua prática ainda invisibilizada e percebida como um trabalho inferior. As Quebradeiras de coco são um coletivo historicamente subalternizado do ponto de vista epistêmico. O debate que propomos é justamente sobre as possibilidades que podem ser construídas a partir dos saberes e fazeres dessas mulheres em relação ao ensino de matemática, com o objetivo de se atingir uma educação voltada à valorização do trabalho das Quebradeiras de coco, reconhecendo e valorizando suas narrativas e sensibilidades, sobretudo, com ações decoloniais, como por exemplo, vivenciar o desafio que abrange a busca por valorização das suas culturas no dia a dia e também no campo da Educação Matemática.

O tema desta pesquisa nos fornece fontes riquíssimas de conhecimento sobre como as Quebradeiras de coco enxergam o ensino de matemática e revela quais delas ainda estudam. Nos direciona para projetos que foram criados a partir dessa prática e também inúmeros estudos sobre a mesma. Além disso, essa pesquisa pode, também, despertar o interesse daquelas que evadiram na infância ou adolescência e que agora acreditam ter passado da idade de estar em sala de aula. É importante ressaltar que essas mulheres quebradeiras de coco babaçu estão espalhadas em comunidades do Maranhão. Elas somam mais de 300 mil mulheres trabalhadoras rurais que vivem em função do extrativismo do babaçu, espécie vegetal muito comum no Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará.

O desejo de estudar sobre esse tema surgiu a partir de uma questão pessoal, pois a mãe da primeira autora deste texto também exerceu a função de Quebradeira de coco. Ela teve que deixar a escola para ajudar sua mãe a sustentar os irmãos, pois ela é uma das mais velhas entre eles, ou seja, teve que abdicar de sua vida escolar para que os mais novos pudessem estudar. No campo acadêmico, o interesse pelo tema, advém da pesquisa da graduação, em consonância com os resultados da pesquisa de doutorado desenvolvida pela segunda autora. No campo profissional, esse tema proporcionou novos conhecimentos e metodologias que foram acessados em sala de aula.

Diante disso, nossa questão de pesquisa é: Que percepções as Quebradeiras de coco têm sobre o ensino de matemática, considerando suas experiências e práticas socioculturais? Como desdobramentos desta, temos como questões orientadoras: Como as Quebradeiras de coco enxergam o ensino da matemática dentro e fora das escolas? Elas têm conhecimento de que basicamente todo o seu trabalho envolve a matemática em suas mais diversas funções? Em relação a gênero e

memória, será que conseguem entender que a matemática não é somente para homens, e qual terá sido dentro da escola, suas experiências com a matemática?

Nesse contexto, nosso objetivo geral é compreender as percepções das Quebradeiras de coco sobre o ensino de matemática, considerando suas experiências e práticas socioculturais. Entre os objetivos específicos estão: conhecer as percepções das Quebradeiras de coco sobre o ensino de matemática; relatar as memórias das experiências escolares das Quebradeiras de coco com o ensino de matemática; e, compreender as questões de gênero e trabalho inscritas em práticas socioculturais de Quebradeiras de coco que mobilizam saberes matemáticos.

Para tanto, realizamos, a princípio, um estudo bibliográfico de caráter qualitativo com autoras/es que discorrem sobre Etnomatemática, como Ubiratan D'Ambrósio (1998); Bergson (2008) nos auxiliou com a compreensão de memória; e, Oliveira (2019) com os saberes e fazeres de Quebradeiras de coco. Nossas opções metodológicas se baseiam nos estudos de Merleau-Ponty (1994), aliados a outros estudos detalhados sobre as lutas, o gênero e os saberes matemáticos dessas mulheres.

Estruturalmente, o texto está organizado em seções e cada uma relata um pouco da história, gênero e memória das mulheres que foram nossas colaboradoras.

2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O presente artigo apresenta uma análise qualitativa, com caráter narrativo, descritivo e interpretativo com o objetivo de compreender acontecimentos e significados presentes nas experiências de Quebradeiras de coco babaçu. As histórias contadas por diferentes mulheres são resultadas das experiências construídas e reunidas durante toda sua vida, sendo assim cheias de sentidos.

Brunner (1991) relata que na forma de narrativas, organizamos nossa memória e experiência de acontecimentos humanos como: histórias, desculpas, mitos, razões para fazer e não fazer. Diante deste, o autor faz uma reflexão cuja a intenção é compreender a construção e a organização do conhecimento. Levando para o campo das narrativas das Quebradeiras de coco babaçu, relata as formas como elas enxergam esse trabalho dentro do ensino da matemática, partindo do pressuposto de que muitas nem sequer sabem da presença da mesma em tal atividade.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados incluíram: observação e entrevistas com roteiros semiestruturados com três Quebradeiras de coco. Vale ressaltar que os roteiros serviram somente para nortear as conversas, pois ao serem perguntadas sobre algumas questões, as Quebradeiras relataram histórias, fatos e narrativas que fugiram desse quesito. O presente artigo apresenta uma análise qualitativa, com caráter narrativo, descritivo e interpretativo para compreender acontecimentos e significados presentes nas experiências de Quebradeiras de coco babaçu. Diante disso, optou-se também por gravar essas entrevistas, para que ao final, nenhuma dessas informações se perdessem.

As entrevistas foram separadas e tiveram a duração de uma hora e meia cada uma, seguindo um roteiro de perguntas previamente estabelecido, mas no decorrer da conversa foram acrescentadas novas questões, conforme a resposta e o direcionamento dado.

As primeiras visitas foram realizadas em uma escola, onde estuda dona Maria 1, uma mulher de 42 anos, que eventualmente não conseguiu ter filhos, embora seja um de seus grandes desejos. Ela é Quebradeira de coco ativa, ou seja, até hoje faz uso dessa atividade para ajudar nos custos de sua casa.

Durante essa visita houve conversas informais e foi marcado o dia para a entrevista. Ao retornar à escola, dois dias depois, realizamos a entrevista com dona Maria 1, que relatou suas vivências desde a infância até a atualidade. Ela contou que gosta da escola e que se diverte, pois na sua infância não conseguiu frequentar por conta dos deveres do trabalho e familiares. Esta também relata que a prática da quebra de coco hoje é sua principal fonte de renda, pois segue morando na zona rural e se mantém através das vendas dos derivados do babaçu. Toda entrevista foi gravada em áudio e transcrita na sua totalidade para depois ser analisada e relacionada ao conteúdo em questão.

A segunda entrevistada, foi a dona Maria 2, mãe de 5 filhos, incluindo esta pesquisadora. Uma mulher jovem e batalhadora, terceira irmã mais velha de 12 irmãos, e foi quem deixou os estudos para seguir sua mãe nas atividades extrativistas do babaçu, para garantir o seu sustento e de seus irmãos menores. Deixou a escola sem concluir o Ensino Fundamental I, e mesmo hoje, depois de ter criado todos os irmãos e agora os filhos, não pretende retornar às atividades de sala de aula, apesar de reconhecer que necessita desse conhecimento. Hoje ela se reconhece como quebradeira de coco, que deixou o campo e veio tentar uma vida na sede, e que foram esses conhecimentos que construíram sua história e identidade.

A terceira entrevistada foi dona Maria 3, mãe de dois filhos, filha e neta de quebradeiras de coco, vinda de uma realidade rural precária, sempre se orgulhou de sua prática que foi repassada por gerações. Porém através do desejo de evoluir cada vez mais, atualmente é professora efetiva do município de Codó, leciona para os anos iniciais e busca conscientizar também os pais dos alunos sobre a importância de serem exemplos, de contarem suas histórias e procurarem sempre evoluir. Essas três mulheres são o rosto desta pesquisa e suas histórias certamente serviram para enriquecer ainda mais este trabalho.

Todas as entrevistas foram autorizadas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com nomes e imagens, até a totalidade das informações repassadas elas. Os dados coletados foram organizados em parágrafos estruturados dentro do artigo, seguindo a ordem, informações e assuntos discutidos no decorrer das conversas.

3. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: GÊNERO, MEMÓRIAS E O ENSINO DE MATEMÁTICA

Nos seus fazeres cotidianos, as Quebradeiras de coco mobilizam conhecimentos relativos à contagem, medição, noções de espaço e cálculos monetários (OLIVEIRA, 2019). Percebemos através deste e de outros estudos que o pensamento matemático se faz presente na vida dessas mulheres desde a extração do coco babaçu até sua comercialização, visto que direta ou indiretamente elas precisam de noções matemáticas escolares para conseguir ter lucros monetários com o trabalho que fazem.

No que se refere às práticas das Quebradeiras de coco babaçu, sua identidade é formada a partir de experiência adquirida por meio da repetibilidade, ou seja, é repassada entre as gerações e se fortalece com o passar do tempo, formulada graças aos processos de construção e reelaboração da memória, um processo de dar outro significado na aprendizagem que são absorvidos pelas gerações contemporâneas e ressignificadas. Quanto a esse aspecto Koselleck (2014), ressalta que:

Por isso, existem, além da experiência pessoal, também prazos e limiares de experiência geracional. Uma vez institucionalizados ou assumidos, eles estabelecem uma história comum. Abarcam todas as pessoas que compartilham o mesmo convívio, seja famílias, categorias profissionais, moradores da mesma cidade ou soldados de um exército, cidadãos de Estados ou integrantes de classes sociais, crentes ou não crentes de igrejas, membros de associações políticas de todo tipo, seja partido, seitas, facções, estados-maiores, círculos, grêmios ou comunidades. Qualquer comunidade de ação reunida por trajetórias biográficas, pelo acaso ou por uma organização ajuda a consolidar experiências vivenciadas. Por isso, do ponto de vista temporal, podemos falar em unidades geracionais políticas e sociais, cuja característica comum consiste em vivenciar, reunir e organizar experiências singulares ou recorrentes, ou então em viver experiências comuns (KOSELLECK, 2014, p.35).

Nesse processo de construção e formação da memória, acontece também a formação de uma identidade coletiva que é apropriada e modificada pelos membros do grupo, que se utilizam de mecanismos próprios para preservação da memória e manutenção de suas identidades. As narrativas construídas com base em suas vivências são compostas a partir de suas relações interpessoais, mas, sobretudo de suas relações com o espaço que as cercam. Os elementos formativos do contexto que elas vivem irão estruturar suas identidades e farão com que novas gerações também possam construir suas próprias identidades coletivas (BERGSON, 2008).

De acordo com Barros (2010), as Quebradeiras de coco babaçu são agentes sociais que ocupam várias posições na sociedade, sendo elas: mães, esposas, estudantes e algumas com duplas ou triplas jornadas de trabalho. Vale ressaltar nesta pesquisa, que também há homens que exercem as mesmas funções das Quebradeiras de coco, porém, para este estudo, daremos ênfase às mulheres.

No entanto, a importância atribuída a essas mulheres na sociedade é invisibilizada, e é nesse ponto que fica evidente a questão da desigualdade social e desigualdade de gênero (ARAÚJO; SILVA, 2014). Diante disso, mesmo com o empoderamento e representações femininas, as mulheres Quebradeiras de coco ainda têm seus conhecimentos inferiorizados por diversos motivos, sendo um deles, o seu baixo nível de escolaridade. Isso se deve, em parte, ao longo processo de colonização empreendido no Brasil. As Quebradeiras de coco possuem a dificuldade de se perceberem como produtoras de conhecimento, especialmente, o matemático, porque “[...] colonialidade do ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de caráter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades” (Maldonado-Torres (2009, p. 363).

Historicamente, a divisão de trabalho numa perspectiva de gênero sempre existiu. As mulheres foram associadas à reprodução e aos afazeres domésticos. Os homens estiveram sempre relacionados ao trabalho fora de casa, sendo vistos como provedores da família. Percebemos com esses estudos, que a imposição social até os dias atuais, têm sobrecarregado mulheres e até mesmo as restringido de algumas atividades, pois quando se trata de trabalho, sua remuneração é menor que a de um homem. Quando se trata de lazer etc., a mulher não pode fazer ou se comportar

de determinada forma, pois é coisa de homem. Observamos, mediante as memórias narradas, que quando essas mulheres se tornam mães, por exemplo, a sociedade já coloca o peso da maternidade em tudo que elas se determinam a fazer, sobretudo nos estudos

As políticas educacionais mais expressivas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, tiveram início com a Constituição Federal de 1988, pois ela reconhece a educação como direito fundamental de natureza social, cuja proteção ultrapassa os direitos individuais e se constitui como parte das condições para a existência da dignidade de toda pessoa humana. O artigo 208 da Constituição Federal diz que:

Art. 208. O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade própria; Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio; (BRASIL, 1988).

Esse dispositivo fundamenta e reconhece as lutas dos movimentos sociais em prol do direito à educação pública, gratuita e de qualidade a todos os cidadãos brasileiros, mostrando preocupação com aqueles que por diversos motivos não tiveram escolarização na sua infância e adolescência. Para Silva (2014), a visão da LDB sobre a EJA, fez com que muitos municípios a aproximasse ao ensino acelerado, sendo também uma maneira de escapar da restrição do Fundo Nacional de Educação Fundamental (FUNDEF). Sendo assim, podemos perceber que não existe uma idade certa para buscar conhecimento, e as Quebradeiras de coco precisam desse conhecimento. Caso queiram voltar a estudar, elas podem e têm esse direito.

No âmbito campesino, como o homem é o provedor da casa, o extrativismo do coco babaçu exercido pelas mulheres é considerado apenas uma ajuda na manutenção da família, por isso é tratado com invisibilidade. Constatamos nos depoimentos das participantes que às vezes, o único sustento da família vem do trabalho exercido por elas. Algumas deixam a escola, filhos pequenos e outras atividades para trabalharem na extração e quebra do coco porque precisam garantir o seu sustento e de seus dependentes

Para as mulheres Quebradeiras de coco, o extrativismo do babaçu é bastante significativo, cultural e afetivo e, ainda, financeiro, pois muitas delas não conheceram outra profissão, por nascerem filhas de quebradeiras e, posteriormente, se tornarem uma. Porém, elas encontram nessa prática sua independência e liberdade, tanto de expressão quanto financeira.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desprezitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão (FREIRE, 1996, p. 31).

No caso das Quebradeiras de coco, esse processo acontece quando se apresentam como extrativistas nos pequenos grupos e associações e, conseqüentemente, desenvolvem discussões, estabelecem ações conjuntas, definem estratégias semelhantes, dentre outros fatores. Ou seja, há um reconhecimento do valor e do potencial do grupo para a promoção de saberes, para a formação do grupo e, principalmente, para a construção de autonomia e de afirmação da identidade como forma de promoção social. É esse fato que nos impele a buscar uma desobediência político-epis-

têmica (Giraldo; Fernandes, 2019), no campo da Educação Matemática, mobilizando saberes e os fazeres de Quebradeiras de coco em processos pedagógicos escolares.

Além de um contato com a importância econômica do babaçu, estabelecem-se relações de sentimentos, e ao nível pragmático-utilitário articula-se um modo culturalmente específico de ser e existir (BARBOSA, 2008, p. 260). Diante disso, as mulheres Quebradeiras de coco, ao perceberem que passavam por inúmeras dificuldades, começaram a se posicionar e a buscar conhecimento para obter valorização e reconhecimento. Imersas em suas experiências, elas construíram essa identidade, seguindo os passos de suas mães e talvez nem conheceram outra profissão (Barbosa, 2008).

4. SABERES E FAZERES MATEMÁTICOS DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Dentro do campo da Educação Matemática, podemos compreender que há diversos grupos sociais que apresentam habilidades próprias de raciocínio, bem como pensamentos distintos no que se refere ao uso de calendários, medidas, processos de contagem, sistemas numéricos, entre outros, sendo importante ressaltar sua utilização nos mais variados aspectos dentro de sua comunidade. Especificidades se revelam nas atividades práticas pautadas nessas ciências, como aquelas de ensino ou de aplicação do conhecimento, bem como no que concerne ao próprio processo de produção de conhecimento.

A Educação Matemática, a partir da década de 1970, foi tema de reflexão junto com todas as discussões que havia na época sobre os conhecimentos não oficializados, bem como conhecimentos gerados por distintos grupos sociais no contexto urbano e rural, classes profissionais, sociedades indígenas, que se identificavam por objetivos e tradições comuns aos grupos. D'Ambrosio (2009) denomina esses vários conhecimentos como sendo Etnomatemática.

Nessa perspectiva, o autor afirma que a Etnomatemática tem o intuito de explicar, conhecer e entender saberes e fazeres de distintos povos. Tais grupos, ao produzirem Etnomatemática, saem do sentido escolarizado pensando na perspectiva escolar e oficial, uma vez que os seus conhecimentos, as lógicas utilizadas para a produção, construção e validação dos objetos, são em grande parte construídos por necessidades históricas independentes da utilização do pensamento matemático euro-usa-centrista. Isso quer dizer que não é necessário o conhecimento "oficial" para se construir, medir, contar entre outras atividades inerentes à sobrevivência.

Assim, percebemos a importância de observar os conhecimentos etnomatemáticos em sua forma original, permeados pelas construções patriarcais, onde construíam, contavam e se situavam no espaço e tempo sem o auxílio de conhecimentos ocidentais. Entretanto, é necessária uma visão transcultural com a perspectiva de intermediação de convivências em outras culturas, ou seja, num contexto intercultural.

Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, instrumentos materiais e intelectuais [que chamo **ticas**] para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer [que chamo de **matema**] como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais [que chamo de **etnos**] (D'AMBROSIO, 2009, p.60).

Nesse sentido, em busca de investigar e verificar outros modos de pensamento, a Etnomatemática, inicialmente, visa entender através da história como os povos por meio de instrumentos materiais e intelectuais produziram e produzem conhecimento para responder à necessidade de sobrevivência em seus espaços naturais e culturais. O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios das culturas. A todo instante, as pessoas estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo, e de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios a sua cultura (D'AMBRÓSIO, 2012).

Pensar e refletir sobre a memória sócio-histórico-cultural não deprecia nem exclui vidas e saberes diferentes, locais e dialógicos. Os saberes e fazeres etnomatemáticos cotidianos, por exemplo, são cheios de significados e de teorias, mas não são medidos pelo nivelamento dos contextos da sala de aula. São memórias tecidas em meio a (inter)faces e sem limites das possibilidades de serem medidos por saberes escolares, pois é uma relação indissociável da sensibilidade, da afetividade e da ludicidade que ultrapassam os muros escolares. Isto porque “O Programa Etnomatemática afirma que o conhecimento matemático não termina no compreender o conhecimento [saber e fazer] matemático das culturas da periferia” (D'AMBROSIO, 2002, p. 13).

No campo da percepção, as Quebradeiras de coco percebem a matemática com pluralidade, porém quase nenhuma delas a percebe de acordo com o conhecimento que aprenderam na escola (no caso de algumas que ainda conseguiram ir). Para Merleau-Ponty (1964; 1992), a percepção é uma porta aberta a vários horizontes, porém, é uma porta giratória, de modo que, quando uma face se mostra, a outra se torna invisível. Cada sentido se exerce em nome das demais possibilidades.

Encontramos especificidades quando enfocamos a matemática como produção de teoria e respectivas possibilidades de aplicação; como ensino dessa produção; e como reflexão sobre o produzido e o processo de produção. Entretanto, concomitantemente, as concepções ontológicas e epistemológicas da matemática se diversificam e coexistem ao longo da história dessa ciência.

Quando trazemos essas especificidades para o campo da memória, percebemos que a matemática está presente no dia a dia dessas mulheres, nos afazeres que aprenderam no decorrer de suas vidas, e que provavelmente elas nem saberiam explicar ao certo como foi. Bergson (2008) distingue dois tipos de memória: a memória do corpo, presente nos mecanismos motores, e a memória propriamente espiritual, existente sob a forma de lembranças independentes (BERGSON, 2008, p. 82). Ele destaca a diferença entre elas através do exemplo da lição aprendida de cor: de um lado, a aprendizagem de uma lição pode se dar como a “aquisição” de uma lembrança, ou seja, da lembrança da lição enquanto aprendida de cor; de outro, a aprendizagem pode se dar pela “conservação” de uma lembrança, ou melhor, da lembrança de uma das leituras feita quando aprendia a lição. No primeiro caso, a lembrança assemelha-se a um hábito, pois tem-se que repetir “um mesmo esforço” como se tivesse que exercitar o próprio corpo para situá-la novamente no presente. No segundo, ela se torna virtualidade do corpo, sempre presente e sempre atual. É o que dá sentido à vida, independente do momento em que ocorra.

Como apresentado anteriormente, em relação à realidade das Quebradeiras de coco, algumas desenvolvem esse ofício desde muito cedo (crianças) porque foi passado entre as gerações, e elas nem sequer conseguem se lembrar de onde vem, pois seguem repetindo o que seus antepassados ensinaram. Seus saberes, fazeres e conhecimentos e aprendizados são repassados para seus

filhos, e como muitas delas não foram à escola, seus conhecimentos foram adquiridos no decorrer de suas vidas.

5. QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: GÊNERO E MEMÓRIA

As histórias de vida das Quebradeiras de coco babaçu são repletas de sensibilidades e trazem questões importantes que devem ser debatidas dentro e fora do contexto escolar, não só por fazerem parte da construção cultural, mas também por possibilitarem a compreensão de um contexto que é historicamente marcado pela invisibilidade sistêmica dessas mulheres dentro do ensino da matemática, pois elas exercem um trabalho completamente voltado para a etnomatemática, levando em consideração que é um saber matemático gerado e organizado dentro desse grupo cultural, mesmo que em alguns casos, elas sequer conseguem distinguir isso.

De acordo com D'Ambrosio (2012), a Etnomatemática nos dias atuais é pensada como uma subárea da História da Matemática e da Educação Matemática, por sua relação natural com a Antropologia e as Ciências da Cognição. Ainda segundo o autor, é notável a grandeza política da Etnomatemática, porém o que é perceptível durante esta pesquisa, é que a maioria das mulheres, e até homens, que exercem o trabalho de quebrar e comercializar os produtos derivados do coco babaçu, não percebem a matemática no seu dia a dia, e quando questionados sobre, sugerem somente que, está presente na comercialização, já que precisam precificar tudo, sem levar em consideração que a etnomatemática tem como objetivo dar sentido a modos de saber e de fazer das várias culturas e fazer com que os mesmos sintam-se pertencentes dessa comunidade.

Conversando com as mulheres que deram origem, rosto e forma para essa pesquisa, ficou perceptível com essas discussões, pesquisas e diálogos que elas desconhecem os âmbitos da matemática no seu dia a dia e em sua profissão. Mesmo a professora Maria Áurea, quando perguntada sobre onde ela acreditava que a matemática se fazia presente, ela respondeu que devia ser na comercialização, pois em suas palavras: “Acredito que a matemática se faz presente quando fazemos os produtos, como por exemplo o azeite, o carvão o leite e vendemos. Pois precisaremos precificar e repassar” (MARIA ÁUREA, 2023).

Narrativas sensíveis como essas, que englobam histórias de superação, abandono escolar, forma de sobrevivência através da prática da quebra do coco babaçu e descobertas sobre suas identidades, podem ser percebidas durante toda a construção do imaginário pertencente ao universo das Quebradeiras de coco babaçu, tanto em suas lutas diárias, como diante da destruição do campo (que é causador de estragos no coco ainda na palmeira), ou das suas alegrias perante um dia de trabalho proveitoso e, ainda, diante das inúmeras histórias que são vivenciadas a cada dia e que as unem em torno de uma prática. A professora Maria Áurea relembra momentos vividos com sua mãe e avó enquanto eram Quebradeiras. Ela relatou a luta vivida para conseguir conciliar a jornada de trabalho com os estudos, tendo em vista que ela já havia iniciado fora do período recomendado e com idade avançada.

Lembro que eu passava o dia no mato com a minha mãe e minha avó, e era uma luta muito grande, pois enquanto elas organizavam as coisas, eu ia catar os cocos para agilizar o dia, já que quando a gente chegasse em casa, ainda tinha roupa pra lavar e comida pra fazer. Meu pai passava o dia na roça, então a gente sempre ia bem cedo pro mato, pra pelo menos pegar os cocos que dessem, pois quando meu pai chegava, tudo já tinha que está preparado pra

ele. Hoje percebo que ele podia também ter ajudado mais a gente, pois era sempre muito cansativo e sobrecarregava demais a gente. E quando eu decidi que queria estudar, foi uma confusão, pois ele achava que eu não podia fazer outra coisa que não fosse ir pro mato quebrar coco, cozinhar e me casar (MARIA ÁUREA, 2023).

De acordo com Candau (2018), memória e identidade são indissociáveis. Sem memória não existe construção de identidade, visto que ela é construída e moldada através de mecanismos advindos da memória. As memórias individuais das mulheres entrevistadas ajudaram a compreender os processos que levaram às mudanças relatadas em seus modos de vida e suas devidas motivações. Dessa forma, todos os mecanismos utilizados dentro desse processo são explorados para que se tornem evidentes determinadas ações e posturas diante da realidade.

Contudo, durante a análise dessas narrativas, as entrevistadas perceberam a relação existente entre essas mudanças e a memória afetiva e emocional que elas possuem. Desse modo, as ações coletivas de gerações anteriores e atuais contribuíram significativamente para as mudanças ocorridas no presente, garantindo, dessa forma, a melhoria no modo de vida dessas mulheres, ou mostrando-lhes onde podem melhorar a partir dessa prática.

Durante a rotina das mulheres Quebradeiras de coco, percebe-se, pelos relatos das participantes, que todo tipo de ação, desde as mais simples como entrar no mato para ir quebrar coco até as mais complexas como a organização coletiva para aprovação de leis que defendam o babaçu, fazem parte de um conjunto de mecanismos advindos da memória (Bergson, 2008). Dessa forma, as mudanças que ocorrem em seus contextos sociais estão relacionadas diretamente às ações do passado, pois elas recordam fatos e pontuam histórias que fazem ser quem são. Ao exporem suas memórias, as mulheres também expõem suas expectativas e relatam as diversas formas que enxergam a vida e suas próprias ações, como podemos evidenciar nos relatos de Maria Áurea.

Ao conversarmos com Maria Áurea sobre a realidade da sala de aula da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) em que ela leciona atualmente, ela relata outras histórias de suas alunas também sobre o tema estudado, e relembra vários momentos em que precisou usar de dinamismo e se deslocar até a casa dessas alunas para conseguir fazer com que viessem à escola, depois de uma jornada árdua de trabalho no campo, ou na feira, comercializando os derivados do babaçu.

Já tive muitas alunas que são quebradeiras de coco, muitas delas não tem outra profissão, então se dedicam a essa com devoção. Lembro de muitas vezes onde tive que ir buscar elas em casa, com brincadeiras, com premiações, o jeito era inventar pra ver se elas iam pra escola. E eu sempre entendi o cansaço delas, até porque eu vim de onde elas estão, por isso mesmo incentivava elas a procurarem conhecimento, a não terem medo nem vergonha de estudar, pois hoje em dia, é a educação a salvação de todo mundo (MARIA ÁUREA, 2023).

Percebe-se através desse relato que, principalmente para as mulheres, é sempre mais difícil, pois há sempre algo antes de si, seja o trabalho, a família ou os filhos e, ainda, quando se trata das mulheres Quebradeiras de coco, há toda uma rotina envolvida, o que ocasiona, na maioria das vezes, a evasão escolar ou baixa frequência em sala de aula devido o cansaço diário, como observamos no relato de Maria Áurea.

A categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença. A política de identidade dos anos 1980 trouxe à tona alegações múltiplas que desafiaram o significado unitário da categoria das

“mulheres”. [...] As diferenças cada vez mais visíveis e veementes entre as mulheres questionavam a possibilidade de uma política unificada e sugeriam que os interesses das mulheres não eram autoevidentes, mas uma questão de disputa e de discussão (SCOTT, 2011, p.89-91).

Dessa forma, quando trazemos as narrativas orais, através das entrevistas das Quebradeiras de coco babaçu para um contexto escolar, nos colocamos diante do desafio de conseguir perceber a necessidade da presença dessas vozes dentro de um ensino dito formal e de como esse tipo de saber pode ser trabalhado. Por exemplo, ao conversar com Maria do Socorro, percebemos que ela vê a escola como um “refúgio” para os problemas diários, mais do que propriamente como um ambiente que vai proporcionar a ela uma mudança de vida. Porém, ela também traz saberes que aprende com o dia a dia, e que se aperfeiçoa dentro e fora da escola.

Eu gosto muito de ir pra escola, lá eu esqueço os meus problemas e converso sobre outras coisas com as pessoas. Mas eu não acho que ainda tenho idade pra aprender alguma coisa. Tudo que eu tinha pra aprender já aprendi. Cozinhar, bordar, fazer crochê, quebrar coco, lavar e passar são as coisas que eu sei fazer e que não foi a escola que me ensinou, foi a vida, a necessidade e a precisão. Então da escola eu espero mais divertimento do que aprender as coisas, porque até agora eu ainda tô na labuta pra aprender assinar meu nome (MARIA DO SOCORRO, 2023).

D'Ambrosio (1998) defendia que os processos de ensino e aprendizagem da pessoa podem ter como base os conhecimentos que já possui, incluindo aquilo que é aprendido culturalmente, inclusive com relações intrapessoais e interpessoais. Nesse sentido, a entrevistada não só poderá adquirir novos conhecimentos dentro do espaço de sala de aula, como também poderá repassar os que já tem aos demais.

6. FLORES DO BABAÇU – AS TRÊS MARIAS: ALGUMAS REFLEXÕES

Durante o trajeto desta pesquisa, várias foram as indagações e questionamentos sobre a valorização e sobre a identidade social das mulheres Quebradeiras de coco babaçu, e o que se pode perceber é que elas passam por um legado de fatores históricos e econômicos que contribuem para a sua formação e de seu grupo no geral.

Os critérios utilizados para a escolha dessas participantes, foram disponibilidade e também afinidade, pois antes desse projeto de pesquisa, elaboramos também outro como trabalho de conclusão de curso, e a partir dele, tivemos material e também pessoas que se disponibilizaram a participar, caso houvesse continuidade.

Com base nisso, esta seção visa abordar o aprendizado que as entrevistadas demonstram, e o quanto lutam pela valorização e reconhecimento políticos. São mulheres incrivelmente fortes que trazem uma ou várias lembranças boas e ruins de cada passo de suas trajetórias. Elas relatam também o quanto são como flores, parecem sensíveis e frágeis, mas além de beleza interna e externa mostram que podem se refazer e renascer cada vez mais belas e fortes. As três marias: Maria 1, Maria 2 e Maria 3, são os rostos de muitas mulheres espalhadas pelo mundo, que também gostariam de relatar suas histórias de vida e ter esse espaço de fala, com nomes fictícios para que suas identidades sejam preservadas.

Ao serem questionadas sobre a profissão de Quebradeira de coco, todas elas tinham sempre muito o que dizer. Maria 1 foi a primeira a relembrar momentos que revive todos os dias, pois das três entrevistadas, é a que atualmente ainda exerce a prática como profissão.

Eu era menina quando comecei, nem consigo dizer quantos anos eu tinha. Ia pro mato com minha mãe e fui ensinada desse cedo que era dali que eu ia tirar o meu sustento. Mesmo assim, minha mãe sempre mandou a gente estudar, porque ela já era analfabeta, então queria que nós aprendesse pelo menos escrever o nome e ler alguma coisa. Hoje em dia eu sei um pouco de leitura e sei assinar o meu nome, ainda estudei até a 4 série, depois o trabalho foi aumentando, minha mãe ficando doente e cansada e eu precisei sair da escola pra ajudar mais. Eu faço de tudo, cato o coco, faço carvão, azeite, leite e com o bagaço, ainda misturo do tapioca pra fazer bejú (MARIA 1, 2023).

Diegues (1996) corrobora com essa perspectiva, dando outras características típicas das culturais tradicionais, tais como: vínculo com a natureza com a intenção de construir um modo de vida; forma de manipular os recursos naturais que são passados de geração em geração; conhecimento sobre território e o espaço que o grupo ocupa; atribuir relevância às atividades de subsistência familiar e comunitária.

Nesse relato, podemos perceber através de suas falas, que Maria do 1 fala com muito orgulho de tudo que aprendeu, mas também deixa evidente a marca que a falta de escolaridade fez para ela e, por isso, decidiu retomar os estudos e segue agora na EJA. Percebemos que além da luta, é uma mulher com muito conhecimento sobre vários assuntos e principalmente sobre o coco babaçu, que foi uma prática passada por gerações. Ela consegue descrever desde quando o coco está pronto para ser quebrado até todas as utilidades que ele tem.

Maria 2 também deixou sua contribuição e relatou que na época em que só quebrava coco, precisava se deslocar de casa até o local onde iria pegar esses cocos para poderem ser quebrados. Disse também que, na maioria das vezes, tinha um carro para levar as mulheres até o local por ser muito distante, mas quando não tinha, precisavam acordar muito mais cedo para ir a pé.

É muito difícil lembrar disso, a gente era muito pobre, pobre mesmo de as vezes ir dormir sem ter o que comer e sem previsão de comer no dia seguinte. E minha mãe trabalhava muito no mato, quebrava coco, fazia faxina nas casas, tudo para ter como pelo menos alimentar a gente. Assim que fui crescendo comecei a querer mudar daquela vida, mas era difícil, porque eu e meu irmão mais velho, foi quem precisou deixar a escola logo cedo pra ir pro mato com a mãe, as vezes a gente ia cinco da manhã e só voltava de noite, cansado e com fome. Daí nossa mãe ia fazer comida quando tinha alguma coisa pra fazer. No outro dia, ela ia fazer azeite, carvão e a gente ajudava ela, pois sabia que se ela vendesse aquelas coisas, a gente ia ter o que comer no outro dia (MARIA 2, 2023).

Diante desse relato, podemos ver com clareza, mediante as falas da entrevistada, que geralmente as pessoas iniciam na profissão de Quebradeira de coco desde crianças, portanto, esta é uma prática repassada pelas gerações. Os filhos veem os pais trabalhando com isso e posteriormente também aprendem. No caso de Maria 2, a prática iniciou com sua mãe, que também aprendeu com a mãe dela e assim sucessivamente. Porém, foi também uma questão de necessidade, pois ela conta emocionada que havia dias que mesmo trabalhando o dia todo, chegava em casa e nem sequer tinha o que comer.

O relato da professora Maria 3 também não se difere muito das demais entrevistadas, quando afirma: “Eu sempre quis mais do que o interior tinha pra me oferecer, então o meu trabalho de quebradeira de coco mesmo que duradouro, sabia que era provisório. Porém, não deixo de reconhecer que foi o que me fez forte, paciente e observadora” (MARIA 3, 2023).

Assim como Gomes (2012), entendemos que essas explicações tanto da Maria 2, como da Maria 3 sobre os fazeres cotidianos, são formas de se relacionar e de estar com e no mundo. Cada uma traz sua versão de como iniciou nessa prática e quais perspectivas tinham para além do meio e realidade em que já estavam inseridas.

As perguntas seguintes provocaram histórias longas em que as participantes expressaram como se sentem em relação à desvalorização dessa classe trabalhadora, e como elas, sendo mulheres, se sentiam nesse meio e dentro da comunidade em que residem. As respostas foram quase unânimes. Elas responderam que sentem que por mais que se esforcem e produzam tanto quanto os homens, nunca terão o mesmo reconhecimento. Também foram estimuladas a responder sobre seus conhecimentos matemáticos e isso chamou bastante atenção, pois basicamente tudo o que estão acostumadas a fazer desde criança envolve o ensino da matemática como um todo.

Não entendo muito dessa matemática que é ensinada na escola, mas eu sei que uso a conta né, porque eu preciso colocar preço nas coisas que eu faço do coco. Mas fora isso, acho que o tempo também que leva para essas coisas darem certo, envolvem a matemática, mas não essa da sala, a matemática que a gente aprende na labuta, é a da vida (MARIA 1, 2023).

Corroboramos com essas narrativas porque D'Ambrosio (2009, p. 09) explica que pela Educação Matemática permeiam todas as discussões sobre os conhecimentos não oficializados, bem como conhecimentos gerados por distintos grupos sociais no contexto urbano e campesino, em classes profissionais, comunidades indígenas e quilombolas, nos terreiros e regiões ribeirinhas. Esses grupos culturais identificam os saberes e fazeres por meio de objetivos e tradições comuns entre si, associando-os aos estudos sobre Etnomatemática. Ou seja, os conhecimentos que essas pessoas adquiriram no decorrer de suas práticas e vivências, consideradas como “matemática da vida” são conhecimentos etnomatemáticos. Para esse entendimento, Maria 2 deixou sua contribuição:

Penso que a matemática é muito difícil, eu não tinha paciência na escola, porque lembro que a professora passava muita coisa e ainda tinha uma tal de tabuada, e ela chamava a gente pra falar na frente e quem errasse, levava uma lapada de palmatória na mão. Eu aprendi o básico, sei contar, sei fazer umas contas assim simples, fora isso, não sei mais de nada (MARIA 2, 2023).

Quando nos colocamos diante de relatos como esse, percebermos através dessas conversas e de estudos, o quanto a matemática tem se restringido à sala de aula, e que há muito tempo as Quebradeiras já tinham todo esse conhecimento, o qual poderia facilmente ter sido trabalhado para potencializar o ensino. Como exemplo, podemos citar o conhecimento de tempo (ao esperar o tempo certo para a coleta do coco) e de espaço (que é a sequência de transformações da matéria), ou seja, noções de grandezas, derivadas das formas e grandezas da matéria e de suas transformações, movimentos e energia. Esses são só alguns exemplos, pois as Quebradeiras de coco babaçu estão diariamente frente a frente com conceitos matemáticos que são sim estudados na escola, mas de uma forma que não abrangem a realidade das/os estudantes.

Levando em consideração a pluralidade de culturas e conhecimentos matemáticos,

Somos assim levados a identificar técnicas ou mesmo habilidades e práticas utilizadas por distintos grupos culturais na sua busca de explicar, de conhecer, de entender o mundo que

os cerca, a realidade a eles sensível e de manejar essa realidade em seu benefício e no benefício de seu grupo (D'AMBROSIO, 1998, p. 06).

O mesmo acontece com as Quebradeiras de coco babaçu, mulheres que possuem cultura e práticas específicas, com formas específicas de agir, de pensar, de se comportar, possuem hábitos e rotina própria. Mulheres que em seu cotidiano contam, classificam e quantificam objetos por meio do seu trabalho para obter melhoria de vida para todas as participantes do grupo social e que com seus produtos, também movimentam a economia.

A professora Maria 3 fala um pouco de como a matemática é vista dentro e fora das escolas e, em sua visão, é uma disciplina que deveria ser mais bem estruturada para que os professores tivessem como trabalhá-la de forma que os alunos a compreendessem. Mas, também de acordo com ela, o sistema precisa que os alunos saibam apenas contar, e não que tenham pleno conhecimento sobre a realidade matemática que os cercam.

A gente sabe que a Matemática está em tudo que nos cerca, e mesmo assim passa despercebido por nós. Mas isso não só culpa nossa, culpa da escola, culpa dos meninos que não se interessam, é uma culpa muito maior. A gente sabe que o sistema não quer que as pessoas sejam informadas, eles nos querem aprendendo o, e achando que isso ainda é muito. Disponibilizam conteúdos fora da realidade dos alunos, não dão subsídios para que seja trabalhado e ainda querem que a gente se vire para apresentar resultados. Eu quando fui quebradeira de coco ativa, não tinha esse conhecimento, mas agora, estudando, percebo que quebrar coco, além de arte e ciência, é a pura matemática (MARIA 3, 2023).

Portanto, durante a conversa com essas mulheres (as três marias dessa pesquisa) percebemos que o conhecimento vai sempre além. Além da sala de aula, além do que vemos e além da nossa compreensão, pois é construído de diferentes formas e em diferentes realidades, e é isso que o torna tão real e bonito.

Aliado a isso, Oliveira (2019, p. 02) afirma que “em seus fazeres cotidianos, as quebradeiras de coco mobilizam conhecimentos relativos à contagem, medição, noções de espaço e cálculos monetários”. Dessa forma, as Quebradeiras de coco desenvolvem e praticam conhecimentos matemáticos constantemente em suas vivências diárias, ainda que elas não tenham recebido uma formação escolarizada relacionada à matemática acadêmica e não tenham o domínio de regras e fórmulas da matemática formal. Contudo, por meio de suas atividades e necessidades diárias, aprenderam a solucionar problemas do seu cotidiano que necessitam de matemática.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pautas e narrativas abordadas nesta pesquisa, nota-se que ainda há muito a se discutir no que diz respeito aos desafios que são enfrentados diariamente pelas Quebradeiras de coco babaçu. O fator resistência, tanto física quanto emocional, faz parte da construção da identidade coletiva dessas mulheres.

Foi possível perceber que as mulheres Quebradeiras de coco babaçu mobilizam conhecimentos matemáticos na produção, comercialização dos derivados do coco babaçu e nas diversas ações no cotidiano. Compreendemos, de acordo com as observações, diálogos informais e o roteiro semiestruturado, que elas possuem saberes e realizam atividades únicas, utilizando somente a

realidade vivenciada e a experiência obtida no decorrer das suas vidas. O que pode nos ajudar a entender que uma:

opção decolonial em Educação Matemática pode desestabilizar relações de poder, subvertendo hierarquias e fortalecendo vozes de corpos, saberes e territórios subalternizados, permitindo-os identificações políticas que escapam à assimilação das identidades produzidas pelas estruturas de poder (Fernandes, 2021, s/p.).

Percebemos, também, que apesar de toda luta, as Quebradeiras de coco nutrem muito amor e respeito pela prática, pois foi através dela que uma tirou o seu sustento, a outra conseguiu forças para ir em busca de uma vida melhor e a outra sua independência financeira e, como elas, muitas outras fazem o mesmo. No que diz respeito ao ensino de matemática, fica evidente que faltou para elas uma matemática que englobasse suas realidades, que acolhesse seus conhecimentos e os potencializassem. O questionamento que fica para nós é: será que esse fato também está relacionado ao grande número de evasão escolar? É uma pergunta que provavelmente irá ecoar na nossa mente e nos fará refletir sobre nossas práticas de ensino além de nos remeter aos métodos pelos quais fomos ensinados em relação à matemática, pois fica nítido aqui, que ela nunca foi só uma disciplina.

Dentro desse contexto, o conhecimento matemático foi aprendido por essas mulheres empiricamente. Assim, pode ser considerado como parte do Programa Etnomatemática, pois está associado a uma cultura e é usado para suprir as necessidades das mulheres envolvidas na resolução de situações diárias. Nesse caso, a Etnomatemática realizada por essas mulheres colabora para realização do seu trabalho, que é o extrativismo do coco babaçu, produção e comercialização dos seus produtos.

Portanto, foi possível, nesta pesquisa, compartilhar as memórias, aprendizados e trajetórias compostas por superações, lutas e aprendizados e, com certeza, teremos mais a ser compartilhado futuramente, pois são muitas histórias e razões a se contar ainda. Além disso, com base nas conversas que tivemos, podemos dizer que algo de valioso ficará desta pesquisa para as Quebradeiras de coco babaçu e para todos que conseguirem ter acesso a ela, pois as trocas de conhecimentos, de sentimentos e de aprendizagem foram de grande riqueza. Assim, fica evidente que o fator resistência, tanto física quanto emocional, faz parte da construção da identidade coletiva dessas mulheres, mostrando que a decolonialidade se faz presente em cada uma, pois seguem resistindo e desconstruindo padrões, conceitos e perspectivas epistemológicas impostas aos povos subalternizados durante a colonização.

8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Viviane de Oliveira. Trabalho, Conflitos e Identidades numa Terra de Babaçu. **História Social**, Campinas-SP, n.14/15, p. 255-275, 12 ago. 2008.

BARROS, Valderiza. **A concepção de educação das quebradeiras de coco babaçu**: um estudo preliminar. 2010. Disponível em: <http://portaltypade.mma.gov.br/quebradeiras-de-coco-babaçubiblioteca?download=612:a-concepcao-de-educacao-das-quebradeiras-de-cocobabaçu-um-estudo-preliminar>. Acesso em 16 de julho de 2023.

- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal, 1988.
- BERGSON, H. **Matière et mémoire Edition critique**. Paris: PUF, 2008.
- BRUNNER, Jerome. **A construção narrativa da realidade**. Critical Inquiry, p. 1-21, 1991.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2018.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- D'AMBROSIO, U. **Educação matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 2002.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 3.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.
- D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Palas Atenas, 2012.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- FERNANDES, Filipe Santos. Matemática e colonialidade, lados obscuros da modernidade: giros decoloniais pela Educação Matemática. **Ciência & Educação** (Bauru), vol. 27, e21065, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320210065>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática da autonomia**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIRALDO, V.; FERNANDES, F. S. Caravelas à vista: giros decoloniais e caminhos de resistência na formação de professoras e professores que ensinam matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, v. 12, n. 30, p. 467-501, jan. 2019. DOI: <https://doi.org/gxtr>.
- GOMES, A. A. M. **Aprender Matemática na Educação de Jovens e Adultos: a arte do sentir e dos sentidos**. 2012. 354 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.
- OLIVEIRA, K. A. **Entre o Machado e o cacete: de um olhar para a um olhar com as Quebradeiras de coco Babaçu partir das diferentes Matemáticas**. In Anais XXIII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. São Paulo/SP: 2019.
- MALDONADO-TORRES, N. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (ed.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 337-382.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. A. Gianotti, & A. Mora, Trad. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. C. Moura, Trad. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MENEZES, M. B. **A Matemática das mulheres**: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980). Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA), 2015.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011.

SILVA, L. A. **Movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu**: Mulheres, trabalho e informação. 2014. Dissertação (Mestrado em ciências da Informação)–Instituto Brasileiro de informação em Ciências e Tecnologia. Programa de pós-graduação em Ciências da informação; Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Histórico Editorial

Recebido em 31/03/2024.

Aceito em 26/10/2024.

Publicado em 30/12/2024.

Como citar – ABNT

SANTOS, Valéria da Silva; OLIVEIRA, Kelly Almeida de. Quebradeiras de Coco Cabaçu de Codó-MA: Gênero, Memória e Ensino de Matemática. **REVEMOP**, Ouro Preto/MG, Brasil, v. 6, e2024040, 2024.

<https://doi.org/10.33532/revemop.e2024040>

Como citar – APA

Santos, V. da S., & Oliveira, K. A. de. (2024). Quebradeiras de Coco Cabaçu de Codó-MA: Gênero, Memória e Ensino de Matemática. *REVEMOP*, 6, e2024040. <https://doi.org/10.33532/revemop.e2024040>